

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Redacção e administração

Toda a correspondencia dirigida a Anselmo de Souza.

Sabbado 15 de janeiro de 1898

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes	300 réis
Provincias, 6 mezes	600 »
Numero avulso	60 »
Anuncios preço convencional	

SUMMARIO

O Visconde d'Ouguella, por FERNANDES COSTA.—O tiro nacional e as associações.—Grande concurso nacional de tiro.—Concurso official de tiro.—Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.—Carreira de tiro.—União das sociedades de tiro em França.—Morgado Borges, por J. J. GONÇALVES FERREIRA.—Importação de polvora estrangeira, por B. DE SÁ.—Sociedade de tiro aos pombes.—Caçada ás gallinholas.—Associação dos Caçadores Portuguezes.—Caçada aos galeiros.—Caçada as lebres.—Pesadellos do caçador, por ERNESTO VIANNA.—Amadour Muize, por PEDRAL CHICO.—Real Club Velocipedista de Portugal.—Pedro Augusto da Silva.—Real Gymnasio Club Portuguez.—Gymnasio Club Figueirense.—Grande regata internacional.—Philatelia, por J. FRAGA PERRY DE LINDE.—D. José Sanchez de Naira, por E. D'A.—Ezequiel de Carvalho.—Manuel Antonio (Fressura).—Notas d'um afficionado.—Hespanha taurina.—Eduardo Antonio da Costa.—Reclame curioso.

GRAVURAS

Visconde d'Ouguella.—A cada um sua vez.—Antonio Borges Barreto de Castro.—Pedro Augusto da Silva.—Amadour Muize.—Ezequiel de Carvalho.—Manuel Antonio (Fressura).

O Visconde d'Ouguella

O meu distincto amigo, sr. Anselmo de Souza, activo e illustrado director de *O Tiro Civil*, pediu-me para eu acompanhar, com algumas palavras, o retrato do visconde d'Ouguella, o qual foi amigo commum de ambos.

Não devia eximir-me a tão honrosa solicitação, obrigado como estava pelo respeito á memoria do fallecido e pela muita estima que tributo ao cavalheiro que me solicitou. Mas reconheço, que entre os muitos escriptorios portuguezes a quem o visconde de Ouguella distinguia com a sua consideração, alguns lhe poderiam dizer, n'este logar, palavras de mais affinidade com as inclinações que lhe nortearam a vida de homem publico, de critico sociólogo, de escriptor militante e de pensador.

Verdade seja que, de entre os muitos que melhor o conheceram e mais profundamente o avaliaram e amaram, precederam-o, ainda, no tumulo, aquelles que mais competentemente lhe sabiam contrastar o legitimo valor. O visconde d'Ouguella, não morreu velho, sobreviveu, contudo, a bastantes dos mais fortes e mais salientes da sua geração, e aconteceu-lhe, portanto, o que é tão commum aos que vêem approximar-se o termo da vida, nas mesmas condições: retrahiu o seu espirito solitario, refugiando-se na saudade dos ausentes, e esquivando-se á convivencia das modernas camadas, que nem elle comprehendia, nem o sabiam comprehendere.

O visconde d'Ouguella tinha, n'este ponto, muita semelhança com o meu carinhoso amigo e dilectissimo poeta, Bulhão Pato. Podia grangear, e grangeava, amizades novas, que elle proprio se comprazia em cultivar desveladamente; mas o

culto e a saudade do passado eram inextinguiveis na sua alma, e tão profundamente enraizados n'ella, que nunca as memorias antigas podiam ali conceder logar, que satisfizesse um hospede novo.

Isto é natural e, bem considerado, dá testemunho de quanto é solidamente temperada para a amizade verdadeira a individualidade affectiva onde tal exclusivismo predomina. Succede, com as primeiras amizades, alguma coisa de analogo ao que succede com as primeiras leituras. Se acontece que estas sejam altas, dentro de limites comprehensíveis, bem entendido,

pressão de um espirito fortemente embaldado pelos desapontamentos que a vida traz, e se alguma vez me succedeu comprehendel-o, luctei para me não deixar vencer, persuadido como estava de que sempre é tempo de transigir com as imposições fataes d'essa comprehensão.

E d'ahi derivou o nunca termos estado de accordo.

E note-se que eu, por minha parte, nunca me deixei cegar por idealismos, a ponto de vêr o mundo côr de rosa. Apenas confiava no espirito progressivo do homem, e no das sociedades que elle constitue, limitando toda a minha impaciencia a lastimar que tal espirito progressivo não possa caminhar com menos lentidão.

O visconde d'Ouguella refugiava-se no passado contra as dissonancias que o affligiam no presente, e com tal preocupação o fazia, que chegava a conceber os periodos mais duros e nefastos da nossa historia antiga, como superiores em liberdade civil e em bem estar social ao da sociedade d'hoje.

Tinha n'isso o merecimento de ser profundamente sincero. Podia a critica provar-lhe que elle via errado: o que não podia ninguém era expor-lhe que elle transigisse com o erro, se assim o via.

Nascera com grandes dotes naturaes, que o habilitavam para todas as conquistas, e tudo lhe seria relativamente facil n'aquillo que, para os outros, é o caminho natural da vida. Pois o seu temperamento e a sua intrasigencia conjugaram-se na empreza de o descontentar de tudo e para tudo, e elle desistiu bem cedo de colher os benesses e as commodidades que lhe ficavam ao alcance da mão, para luctar nos

campos da utopia com a miragem de acqvisições philosophicas e sociais, pouco menos que impossiveis.

Devia ter sido tanto ou mais do que o que foram e o que são, no meio em que viveu, os homens da sua plana intellectual e das suas aptidões para a vida civil. E não foi isso. Não o soube, ou não o quiz ser. Foi um descontente, que passou ao lado de todas as tentações terrenas, a quem a fortuna bafejou mimosa, sem lograr que elle sorrisse aos agrados da sorte, nem que sentisse doçura na taça da vida.

E quantos, illudidos pelas exterioridades do mundo, o não invejariam!

Ninguém que o tenha tratado com alguma assiduidade affectuosa, se esquivou,



Visconde d'Ouguella

Distincto jurisperito e homem de letras. Socio da Real Academia das Sciencias Fallecido em 5 de janeiro de 1897.

o espirito sente crescer o seu nivel, e põe ás vezes tanto acima os seus ideaes, que depois difficilmente os attinge. Do mesmo modo, a cathgoria dos primeiros amigos, na escala espirital, pôde ser padrão excessivo para a aferição d'aquelles, que o tempo subsequentemente vae trazendo, e d'ahi advir o não poder o coração dar-se jámais por satisfeito.

Quando me encontrei, na sociedade, com o visconde d'Ouguella, e com elle estabeleci as relações em que a nossa convivencia se manteve, durante mais de vinte annos, era já elle um desilludido de quasi toda a infinidade de aspirações que á mocidade pertencem, e da sua conversa, fluente, calorosa, persuasiva, trasbordavam ondas de desanimo. Fez-me a im-

de certo, a mais de uma interrogação íntima, perante a sua individualidade pouco accessível. E quem poderá presumir, acaso, que na ordem de todas as respostas imagináveis, que a sua razão lhe suggira, uma d'ellas seja a mais verosímil?

Saberia elle proprio explicar os seus desalentos, as suas tristezas, a sua não conformidade com os males do mundo, a onda de pessimismo em que o seu entendimento, por assim dizer, se submergia? Saberia elle explical-o, sobretudo, quando a vida lhe não fôra ainda repassada das angustias com que a perda de muitos entes queridos lhe dilacerou, nos ultimos annos, as fibras do coração amoroso e affectivo; em summa, quando, aos olhos de todos, era feliz?

Não, ninguém profunda os mysterios do sêr; o que sabemos dos outros, o que muitas vezes sabemos de nós mesmos, é apenas uma tinctura enganosa, que nos reveste muito á superficie.

Janeiro, 12.

FERNANDES COSTA.

TIRO

O tiro Nacional e as associações

FEZ em novembro ultimo quatro annos que se fundou a primeira associação de atiradores, e, logo poucos mezes depois fundou-se a segunda.

Anteriormente á primeira, tinha-se fundado o grupo Patria, e depois das associações, outros grupos se vieram enfileirar entre os propagandistas de tão santa instituição.

São pois decorridos mais de quatro annos e os esforços empregados, pode-se dizer com afouteza, não produziram os effectos desejados. As associações e os grupos criaram-se, para, por todos os meios ao seu alcance, promoverem a frequencia do maior numero á carreira de tiro; mas, apesar das boas vontades de muitos, a indifferença do maior numero venceu. O tiro civil degenerou, de tiro nacional, em *sport*, esta é a verdade.

Fizeram-se effectivamente magnificos atiradores, que honram o nosso paiz, como atiradores de *élite*, mas a qualidade sobrepoz-se á quantidade.

Houve má orientação na forma da propaganda por parte das associações? quer-nos parecer que sim.

Gastaram-se alguns contos de réis em rendas de casas, mestres de esgrima, contínuos, gaz, contribuições etc, sem que o resultado acompanhasse os sacrificios feitos.

Fomos dos que nos enganamos? fomos, não temos duvida em o declarar.

Convem continuar n'este caminho? não; por nossa parte estamos promptos a seguir nova orientação, e comnosco, estão todos os verdadeiros apóstolos do *tiro nacional*. A experiencia foi salutar, abriu os olhos a muitos.

Que temos pois a fazer? qual o caminho a seguir?...

Em primeiro lugar o abandono completo de todas as dissidencias, se as ha, e o esquecimento de todas as vaidades pessoais perante o interesse da defeza da Patria.

Em segundo lugar, uma forte concentração de todos os elementos das associações e grupos; de todos os que tem trabalhado a favor do *tiro nacional*; emfim, a união de todos os *carollas* do tiro.

Em terceiro lugar, a suppressão de todas as despezas enuteis, e o aproveitamento de todas as actuaes receitas em favor do barateamento do tiro.

Finalmente, levar a effecto, a criação de novas receitas, por meios diversos; entre elles, a nossa antiga proposta para a emissão de cedulas annuaes de 100 réis cada uma. Cedulas atrahentes, que se guardem, e que, ao verem-se collocadas em qualquer caza, estabelecimento ou officina, signifiquem, que ali se contribue annualmente para o tiro civil, que o mesmo é para a defeza da Patria.

Com o producto d'esta receita, que se nos afigura, que, com o tempo, pode e deve dar, uma muito avultada somma, deve-se atrahir e propagar por todos os meios, a frequencia á carreira de tiro em Pedrouços; e ainda, fazer com que outras carreiras sejam abertas e frequentadas em todo o paiz.

Esta é a nossa opinião, querem seguir-a? mãos á obra; contem comnosco, não somos dos que costumamos talhar obra para os outros fazerem; já o sabem

Por este processo; temos a esperanza que implantaremos o tiro civil no nosso paiz, e, a nossa consciencia ficará tranquilla; cumprimos o nosso dever.

Grande concurso nacional de tiro

LISBOA 1898

No domingo 9 do corrente reuniu a comissão do concurso nacional de tiro, na carreira de tiro, em Pedrouços. Estiveram presentes os srs. tenente-coronel Souza Machado, presidente; Pedrozo e Noronha, secretarios; capitão Vergueiro, M. J. de Magalhães, H. Fino, G. de Jesus, Fraga e A. de Sousa, vogaes.

Foi approvedo o programma do concurso, que vae ser entregue á comissão executiva do centenario, para ser approvedo e publicado.

O sr. presidente disse que a comissão executiva tinha concedido os meios necessarios para as *poules*, o que foi ouvido com provas de agrado por toda a comissão.

O sr. Anselmo de Souza disse que fôra encarregado pelo sr. major Fernandes Costa, de declarar que áquelle cavalheiro lhe era impossivel comparecer á reunião, por motivo de afazeres inadiaveis.

Ficou o sr. capitão Vergueiro, encarregado de fazer o regulamento para as *poules*, que, segundo crêmos, serão duas por mez, nos mezes de fevereiro, março e abril; uma no segundo domingo de cada mez, com tres premios, um de 5\$000 réis e dois de 2\$500 cada; outro no ultimo domingo de cada mez, tres premios, um de 10\$000 réis e dois de 5\$000 réis cada um.

Concurso official de tiro

ESTE concurso que estava para se effectuar no dia 23 do corrente, e, que ha muito andava annunciado, quer-nos parecer que não se realisará. De resto, nas ante-vesperas do concurso nacional, afigura-se-nos muito melhor que se não realise.

Associação dos Atiradores Civis Portuguezes

NA noite de 13 do corrente reuniu a direcção d'esta Associação; estiveram presentes os srs. Fraga Pery, José Ayres, Sousa Padesca, Eduardo Freitas, Lucas da Silva e Anselmo de Sousa, presidindo este ultimo na falta do sr. presidente.

Foram dados plenos poderes ao sr. Anselmo de Sousa, para como delegado da direcção, poder entender-se com qualquer outra collectividade de atiradores civis, afim de tratar de as-

sumptos que interessem o futuro das mesmas associações.

Tratou-se de formular a lista dos crédores da Associação para se proceder ao pagamento dos diversos creditos, assim como ás obrigações de 5\$000 réis, emitidas em maio de 1897.

A direcção conta em pouco tempo poder saldar todas as dividas, tanto aos crédores não associados como a todos os socios.

A nova sessão terá logar na quarta feira, 18 do corrente.

Carreira de tiro

Alvos a 200^m, figura de joelhos, e repetição; 300^m, circular. Arma Kropatscheck 8^{mm}/m 1886.

Domingo 9 do corrente

	Disp.	Acert.
Alvo a 200 ^m , repetição...	120	76
> > > fig. joelhos..	200	126
> > 300 ^m , circular....	280	173
	600	375

Frequentaram a carreira 20 atiradores.

A chuva não só fez com que a concorrência fosse diminuta; mas tambem que o fogo começasse tarde.

No domingo 2 não houve carreira por ser dia de grande gala pela abertura das cortes.

No sabbado, 22, dia de S. Vicente, não ha carreira.

França

União das Sociedades de Tiro de França

ONosso estimado collega *Le Tir National*, órgão da *União*, que se publica em Paris, todos os soldados; publica o retrato do sr. D. Merillon, presidente da *União*.

Esta homenagem, vem a proposito da alta distincção que o ministro da guerra de França, concedeu áquelle cavalheiro, nomeando-o *Official da Legião d'Honra*.

O *Journal Official* de 30 de dezembro ultimo, publica a nomeação, motivada em:

Serviços excepcionaes prestados ao exercito, na qualidade de Presidente da União das Sociedades de Tiro de França, depois da sua fundação.

As nossas saudações á *União*, pela homenagem prestada ao seu illustre chefe.

Ao nosso caro collega *Le Tir National*, a expressão da nossa satisfação, como prova de leal camaradagem.

CAÇA

Morgado Borges

UMA das gravuras que apresenta hoje o *Tiro Civil*, representa o nosso sympathico amigo Antonio Borges Barreto da Gama e Castro, preparado como quando vae para essas famosas caçadas até á sua quinta d'Alegria, no Alto Douro.

Fallando no morgado Borges ou Borges de Cidadelhe, todos os caçadores do norte o conhecem, não só por essas grandes caçadas em que elle representa sempre o primeiro papel, senão pela sua lhana franqueza com que a todos recebe na sua casa de Cidadelhe.

Podemos dizer, sem receio de desmentido, ser elle o primeiro caçador do Douro, porque assim é tido por todos os filhos de Santo Huberto.

O seu armeiro, é dos melhores que conhecemos, podendo-se dizer affoitamente ser um verdadeiro Museu, pois alli se encontram armas dos mais variados feitos e antiguidade.

Tambem os seus cães são a *nata* dos cães de caça.

Não exageramos as nossas palavras, senão ali estão a confirmal-as os premios com que foi honrado na exposição de caça e artes correlativas, que ha annos houve no Porto, sendo então premeado, pelos cães, armas e mais petrechos de caça que alli expoz, com trez medalhas, de que muito se ufana.

Relevemo-nos a modestia de S. Ex.^a o virmos exaltar nas columnas do *Tiro Civil*, as suas primorosas qualidades de cavalheiro e de eximio caçador.

Cidadelhe, dezembro de 1897.

J. J. GONÇALVES PEREIRA.

Importação de polvora estrangeira

Não é prohibida a importação de polvora estrangeira no paiz, nem prohibidos são os depositos d'esta composição inflamavel; mas, para que se possa importar e armazenar, é tão difficil e tão dispendiosa a competente habilitação, que ainda ninguém tentou sequer, pelo menos no norte d'este reino, habilitar-se para tal fim, desde a publicação da respectiva lei e regulamentos, ha bons trinta e cinco annos.

Os decretos de 21 d'outubro de 63 e 19 d'agosto de 80, bem como a carta de lei de 21 de junho de 79, exigem aos importadores e depositarios condições de ordem tal, tão elevado dispendio monetario e o sacrificio d'um trabalho tão complicado e tão insano, que não vale a pena a ninguém metter-se em tão custosa e emmaranhada empreza.

Não queremos, por agora, discutir a lei que, se não é de todo boa, tambem não é de todo má; o que pretendemos é que o caçador se liberte dos seus rigores, que para si não os destina ella, mas sim para os industriaes e commerciantes, o que pretendemos é que na lei geral sobre caça, se por ventura essa lei se publicar um dia, se confira ao caçador, entida-de puramente particlular, o direito de poder mandar vir do estrangeiro polvora enlatada, unica e simplesmente para seu uso e em quantidade limitada, como pode, por uma graça especial que se lhe dispensa nas alfandegas, mas que não está na lei, importar polvora em cartuchos de caça.

Esta regalia, se regalia é o termo apropriado, redundará, é certo, em favor do caçador, porque o dispensa de pôr em campo o seu empenho para poder adquirir dois ou tres kilos de polvora estrangeira de que difficilmente pôde prescindir; mas, se por um lado se lhe facilita a aquisição de essa polvora, por meios licitos e legais, por outro lado patrocina-se os cofres da nação, porque n'elles se faz entrar um rendimento aduaneiro que ha muito entra nos bolsos do contrabandista, por ser desaproveitado pelo estado.

Sim: todo o mundo sabe que nas alfandegas portuguezas nunca se despachou um gramma de polvora em latas, e, apesar d'isso, não ha caçador nenhum que, querendo, não tenha para seu consumo polvora ingleza á farta, desde o momento que a queira utilisar e dar-se ao trabalho de investigar quem são os habilidosos que, mettendo em casa aquillo que outros deitam fóra lh'a podem fornecer facilmente, sem a menor difficuldade.

Ha tempos, o Club dos Caçadores do Porto, demonstrando ao governo o que se passa com a polvora estrangeira, mormente com a ingleza, pediu para o caçador o mesmo que eu agora peço—que lhe seja

permitted importar polvora do estrangeiro em quantidade limitada;—o seu requerimento, porém, não teve ainda despacho.

Dar-se-ha o caso de considerarem perigosa a importação de polvora em latas, cujo acondicionamento offerece melhores condições de segurança, e de entenderem que a polvora em cartuchos de papelão, *com fulminantes*, não acarrete peor risco para o importador e para o estado?

Não será facil de ver que esta protegi-da fóрма de acondicionamento não só é mais perigosa, como é, tambem, menos lucrativa para os cofres da nação?

Porque despresa, pois o governo os direitos d'essa mercadoria, que o caçador se vê obrigado a dar a quem não deve rebelar-se?

Chamo para este assumpto a attenção dos poderes publicos, e oxalá que elle lhe mereça a consideração a que direito tem. Porto, janeiro de 98.

B. DE SÁ

Sociedade de Tiro aos Pombos (Tapada d'Ajuda)

TEVE lugar no dia 4 do corrente, na Tapada da Ajuda, o 4.^o tirò da epocha, mas devido a estar a tarde muito ventosa, apenas compareceram tres atiradores:

El-Rei, visconde de Castello Novo e conde de Arnoso.

Houve 9 series a tiro simples e 4 a tiro dobrado, sendo mortos 79 pombos e ganhando as *poules*:

El-Rei, 6¹/₂, visconde de Castello Novo 3 e conde de Arnoso 3¹/₂.

El-Rei pontualissimo como sempre foi quem primeiro compareceu; e, enquanto outros atiradores não chegaram, esteve

entretendo-se a atirar ao alvo, á bala, com carabina de calibre muito reduzido, fazendo, como de costume agrupamentos que raro haverá quem iguale.

Pela segunda vez lhe vimos fazer uma das mais difficéis e curiosas experiencias de tiro, qual é a de fazer explodir cartuchos de espingarda, carregados, collocados á distancia de mais de 30 metros, com a bala que lhe disparava em direcção do fulminante, unico ponto vulneravel dos mesmos, sendo alguns tiros tão rigorosamente mathematicos que as balas iam alojar-se dentro dos cartuchos-alvos pelo orificio do fulminante!

Estamos convencidos que rarissimos atiradores haverá que consigam tão esplendido resultado, tanto mais, que El-Rei faz isto duas e trez vezes seguidas.

Antes de chegar o sr. conde de Arnoso, houve 6 *poules* entre El-Rei e o sr. Visconde de Castello Novo, atirando El-Rei a mais 2 metros de distancia, só com um braço, o que não o inhibiu, todavia, de ficar vencedor.

Caçada ás gallinholas

EM 10 do corrente, realisou El Rei uma caçada ás gallinholas, na Real Tapada de Mafra.

Foram mortas 16 *bicudas*, 17 coelhos, 1 perdiz, 7 ganços, 2 gaios, 1 mocho e 1 falcão.

Acompanhavam El-Rei os srs. conde de Arnoso, conde de Ximenes y Molina, João Velez Caldeira e D. Antonio da Costa.

El-Rei regressou n'este mesmo dia a Lisboa.



A cada um, sua vez

Associação dos Caçadores Portuguezes

SESSÃO DA DIRECÇÃO DE 7 DO CORRENTE

Presentes os srs. dr. Paulo Cancelli, Anselmo de Sousa, dr. Anachoreta, Wasa de Andrade, J. P. Fernandes, Victorino Almada Junior.

Leu-se um officio do ministerio da guerra concedendo as armas pedidas para decoração.

O sr. A. de Sousa, offereceu á associação em nome do sr. Claudio Castel-branco, uma cabeça de cavallo marinho; resolveu-se officiar agradecendo.

O sr. dr. Anachoreta, declarou que a fabrica d'armas de S^{te} Etienne, Loire, auctorisara o seu representante em Lisboa, o sr. Fernando A. Ventura, a fazer um contracto vantajoso para o fornecimento de diversos artigos aos socios.

A tabella dos preços deve ser presente n'uma das proximas sessões.

Os diplomas estão promptos tomando-se conta d'elles para se começar a fazer a distribuição.

SESSÃO DA DIRECÇÃO DE 11 DO CORRENTE

Presentes os srs. dr. P. Cancelli, dr. Anachoreta, J. P. Fernandes e Victorino Almada Junior.

Depois de lido o expediente deu-se por concluida a assignatura da representação á Camara Municipal, que em seguida publicamos.

Ficou resolvido que a caçada ás lebres, demorada por causa do tempo, se realisasse no domingo 16; resolveu-se mais fazer outra caçada aos patos e galeirões na Lagôa d'Obidos.

Resolveu-se fazer sessões extraordinarias, para se concluir a representação ao parlamento, sobre licença de porte d'armas, caça etc.

Reclamar novamente aos governadores civis, contra a venda da caça morta a armadilhas.

LICENÇA DE CÃES

Representação á Camara Municipal de Lisboa, a proposito d'estas licenças A importancia da representação é manifesta, sobre tudo pela qualidade das assignaturas que a subscrive. E' de crer que a camara tome em consideração tão justo pedido. Segue a representação:

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — A Associação dos Caçadores Portuguezes tem, entre outras, a missão de defender os interesses dos caçadores do paiz, e, com inteira correcção e sem parcialidades, ali esses interesses aos do publico, do estado e dos municipios. E' sob a impressão que offerece a defeza de uma causa justa, que a direcção da mesma associação vem perante a camara municipal de Lisboa, da muito digna presidencia de v. ex.^a, expôr o seguinte.

Attendendo que a exorbitancia do custo das licenças dos cães acarreta grandes desvantagens aos cofres municipaes, porque implica diminuição no numero de cães, e, portanto, no numero das licenças; considerando ainda que o custo elevado d'essas licenças dá logar a sophismas que originam desigualdades no preço das licenças de cães destinados ao mesmo fim.

Que as disposições actuaes obrigam os caçadores de Lisboa, que habitam na area da cidade, a pagar uma taxa cara, ao passo que os caçadores que habitam nos arredores e estão nos centros da caça, pagam pelos seus cães, que são ao mesmo tempo de guarda, uma quantia diminuta.

Tendo em attenção, que, particularmente, pelo que diz respeito aos cães de caça, o preço elevado da licença obriga muitos caçadores a não ter cão, impellido-os assim a caçar por processos devastadores, com grande prejuizo dos que acatam a lei e, sobretudo, do interesse do publico.

Considerando mais que os cães destinados a guarda e companhia de rebanhos, causam enorme destruição de caça, mormente no tempo das creações.

Attendendo que uma taxa barata e uniforme para cães ou cadellas de qualquer raça destinados a qualquer uso, augmenta a receita e facilita

a sua entrada nos cofres do municipio.

Attendendo que são os caçadores de Lisboa os mais onerados com impostos, aquelles para quem a alimentação e manutenção dos animaes é mais cara e difficil, sendo, ao mesmo tempo, os que tem de fazer maiores despezas para se transportarem a os sitios de caça.

Considerando ainda que os cães de guarda pertencem, em geral, ás pessoas abastadas, porque são essas que tem de guardar, e que os cães de caça pertencem a empregados que procuram na caça uma distracção hygienica para os dias de descanso.

E esperando que a camara municipal de Lisboa, dignando-se attender tão justa petição, mande modificar a postura que regula as taxas das licenças dos cães, reduzindo estas e uniformizando-as, a direcção e socios da Associação dos Caçadores Portuguezes.

11 de janeiro de 1898.

E. R. M.

Dr. Paulo Cancelli, visconde de Castello Novo, Anselmo de Sousa, Arthur Avila,

Manuel Figueira Freire da Camara, marquez do Fayal, Antonio Ignacio da Costa, Raphael Basto, José Costa, J. P. Fernandes, Luiz Wasa de Andrade, Victorino Almada, José Alves Ribeiro Troni, Leal de Sá, Bulhão Pato, dr. Namorado, André Lhorente, major Viegas, João Antonio da Cunha, dr. Henrique Anachoreta, José Ribeiro da Cunha, João Pedro Wierling, dr. Moreira Feio, conselheiro Eduardo Montuñar Barreiros, D. Simão de Sousa Coutinho, Arthur Carlos da Silva Freire, Casimiro José de Lima, Ernesto Augusto de Salles, Sergio Alves de Oliveira, S. Queiroz, Serzedello, José de Mello, Arthur Andrade, José Estevão da Silva e Sousa, José Joaquim Teixeira, José Vicente Ribeiro, Moraes de Carvalho, Alexandre de Oliveira, dr. Ceibiano, Purificação Nunes, Couto Martins, Carlos Campos, dr. Antonio Rodrigues Pinto, Ferreira Pinto, Castanheira das Neves, etc.

Caçada aos Galeirões

Na séde da Associação, Praça de Camões, 46, 2.^o está aberta a inscripção para uma caçada que deve realizar-se na Lagôa d'Obidos.

*
*
*

Caçada ás lebres

Terá logar no proximo domingo 16 do corrente, a caçada ás lebres, nas lezirias de Villa Franca; é juiz da caçada o sr. Dr. Paulo Cancelli.

O secretario

Henrique Anachoreta.

SECÇÃO LITTERARIA

Pesadelos do Caçador

(Elzéar Blaze)

Na caça, os mais honestos commettem sempre a sua faltasinha. Todos nós temos muita consciencia, é fóra de duvida; muitissima prohibidade, é incontestavel. Uma peça de vinte soldos adquirida por uma fórmula menos licita privar-nos-hia do somno; se encontrassemos a bolsa do visinho, claro é que lh'a restituiriamos; mas entramos-lhe na propriedade e matamos tres lebres sem remorsos, dez perdizes, e dormimos regaladamente; dous faisões, e é de morrer a rir. São essas as velleidades do coração humano; tambem as experimentei e posso contar alguma coisa.

Uma lebre morta em campo alheio é bem melhor do que qualquer outra.

Todo o pão que ao comer nos sabe a pão roubado
Vale mais que o de casa, ou mesmo o pão comprado.

A emoção é outra; e são essas emoções que fazem com que nós vivamos; sem ellas, vegetarianamos. Uma senhora, recordando os seus verdes annos, dizia: «Ah! bons tempos esses! Então, era eu bem mais infeliz...»

O coração bate com mais força quando a gente se sente em falta: tem-se medo do guarda, do guarda que a imaginação nos representa sempre por detraz d'um comoro, acororado n'uma valleta, alcanorado n'uma arvore. Ah! o guarda! o guarda! Essa carrancuda visão salva a vida a muitas perdizes. E, no entanto, não são os caçadores que uzam espingarda os que causam maior prejuizo. Não é contra esses que um guarda intelligente deve exercer a sua sanha; é contra os caçadores noctivagos, o armador de ferros, laços e boizes,—inventos diabolicos capazes de destruir toda a caça d'uma planicie em



Antonio Borges Barreto da Gama e Castro

Caçador distincto

poucas horas. Sim, senhores, senhores guardas, garanto-vos que dormindo de dia e velando de noite aproveitareis melhor o vosso tempo... e nós também.

Um caçador deve sempre levar uma bolsa bem recheada; mal d'elle, se a esqueceu ao sahir de casa. Essa bolsa deve conter moedas de toda a qualidade: o luiz d'ouro deve ir promiscuamente com escudos de cinco francos e outro dinheiro miúdo. E' preciso, em um dado momento, saber fazer bom emprego d'uma moeda grauda como d'uma moeda pequena, conforme a gravidade do caso; verdade é que, ás vezes, para nada servem, visto como, ha guardas que são incorruptíveis. Já vi recusar uma moeda de vinte francos com uma grandeza d'alma admiravel.

Um dia, levantei um bando de perdizes e elle revoou para um campo de luzerna do visinho, a obra d'uns duzentos passos. Este campo era todo cercado por uma valleta, d'onde parecia erguer-se uma voz que me dizia:

«Não avances». Sim, muito bem; mas as perdizes estavam alli, a uma pequena distancia, e então que bando formidavel! A sacca ainda ia vazia, e, em um momento, poderia ter, pelo menos, duas perdizes; quem demonio poderia resistir?! A tentação era tão forte para um simples mortal que, confesso, senti-me como que devorado por ella; pensei logo em libertar-me d'essa oppressão: é sempre o melhor expediente. Cesar transpoz o Rubicon; eu portei-me como um pequeno Cesar e saltei a valleta.

O meu cão *marron-se*, as perdizes levantaram-se, dei ambos os tiros, e tudo isto foi obra d'um momento; mas o guarda sahe lá não sei de que esconderijo e autua-me.

Este guarda era o Hactintickoff dos guardas, o cerbero da planicie, o terror dos caçadores furtivos. Como uma cobra colleava pelo matto; subia ás arvores como um esquilo; e ahí, empoleirado em cima d'um ramo, tinha olhos de alcaravão que abrangiam a planicie e penetravam nas mattas.

Mal via um caçador, descia immediatamente como um gato, corria como uma lebre; sempre invisível quando se procurava, parecia que brotava da terra no momento em que ninguem n'elle pensava. Semelhante a uma celebre heroína do sr. d'Arincourt, estava em toda a parte e em parte nenhuma, em parte nenhuma e em toda a parte.

— Está autuado por ter dado fogo dentro das propriedades do sr. M... meu amo. Deixe-me ver a sua licença de porte d'armas.

— Vossemecê não tem o direito de m'a pedir; pôde ficar sabendo, meu caro senhor, que um guarda particular não tem fóros de agente de policia: a licença de porte d'armas não me pôde ser exigida senão pelo guarda rural, um gendarme, o *mair* ou seu adjuncto.

— E' o que nós veremos.

— Não tem mesmo que ver. Quanto ás duas perdizes que eu matei, isso é um negocio á parte, e sou eu o primeiro a confessar que não andei bem. Pegue lá (e ia-lhe a metter na mão a moeda de vinte francos), para beber á minha saude.

— Não accetto: cumpro o meu dever.

— Cumpra, cumpra o seu dever e tenha todo o cuidado que lhe não vão arrefecer os pés: é um preceito hygienico muito preconizado pelos medicos.

Virei-lhe costas, tornando a metter o luiz na bolsa. Aproveito o ensejo para recommendar aos caçadores que, sempre

que possam, evitem questões. Devemos ter o maior reccio de nos exaltarmos, quando temos uma espingarda na mão; o desenlace pôde tornar-se tragico; a questão é a gente divertir-se, e, não, arranjar um melodrama em pleno campo.

Se vos apanharem em flagrante delicto, o melhor é procurar levar as coisas por bons modos, ou, do contrario, talvez tenhaes que arrependervos. E' negocio

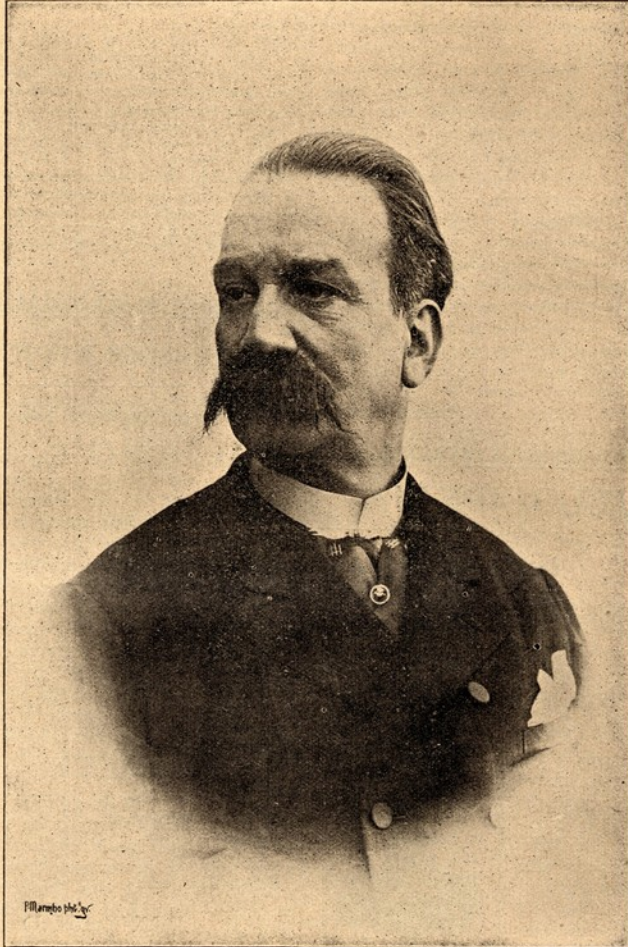
O GUARDA.— Bom dia, sr. Blaze; vae bem de saude?

Eu.— E vossemecê?

O GUARDA.— Menos mal. Com que então, já sei que o meu amo respondeu.

Eu.— Encontra-se, ainda assim, bastante caça este anno.

O GUARDA.— Muita. Eu fallei a favor do sr. Blaze, senão o processo tinha ido por deante.



Pedro Augusto da Silva

Eximio professor de jogo de pau. Fallecido em 30 de Novembro de 1897
(De uma photographia de Carlos Relvas)

d'uma despeza de cento e vinte francos, quando muito, ás vezes de muito menos, e outras vezes até de coisa nenhuma.

Entrando em casa, escrevi ao sr. M... o dono do tal campo fatal; empreguei os meios mais diplomaticos, embrechei as phrases, arredondei os periodos; em summa, pareceu-me ter conseguido provar que, se tinha matado as duas perdizes, a culpa era d'ellas e não minha. As desgraçadas estavam mortas, e eu estava certo de que ellas se não lembrariam de voltar a este mundo para me contradizer. O sr. M... respondeu-me como pessoa distinctamente educada e que sabe que a consciencia d'um caçador é sempre fraca quando vê duas perdizes a vinte passos (se é certo que a consciencia tem olhos), e o caso é que o negocio arranjou-se pelo melhor.

No dia seguinte, recebi a visita do guarda; vinha ver se apanhava a moeda de vinte francos; eu fingi que o não percebia; os papeis tinham-se trocado, e entre nós estabeleceu-se o dialogo seguinte:

Eu.— Infelizmente, tivemos grandes chuvas no mez de maio e muitas ninhadas perderam-se.

O GUARDA.— Eu fiz ver bem que o sr. não era um caçador furtivo; que, quando o apanhei a caçar em terreno que lhe não pertencia, até o sr. ignorava que essa circumstancia se tivesse dado.

Eu.— O que faz com que tenhamos menos perdizes do que deveriamos ter; e tudo por causa d'esses prados artificiaes, que augmentam de dia para dia.

O GUARDA.— Outro qualquer teria que responder a uma policia correccional.

Eu.— Começam a ceifa muito cedo, quando os perdigotos ainda não têm sahido do ovo...

O GUARDA.— O que nada tem de agradavel.

Eu.— A mãe então engeita o ninho.

O GUARDA.— E não fica nada barato.

Eu.— E aos segadores dá-lhes para fazer *omolettes* dos ovos.

O GUARDA.— O anno passado, metti um

n'um processo que, com certeza, não lhe custou menos de cem francos.

Eu.—Essas *omelettes* devem ser detestáveis... feitas de ovos chocos!!!

Cansado de se ver interrompido a cada momento, entendeu que o melhor seria ir logo direito ao alvo.

O GUARDA.—Ora, agora, se o sr. quizer dar-me a moeda, que hontem recusei, de bom grado a accetto.

Eu.—Isso é que não; offereci-lh'a para evitar a' sensaboria de escrever a uma pessoa com quem não tinha relações. Escrevi a carta e ganhei vinte francos; perdeu-os vossemécê, mas, em summa, a sua consciencia ficou pura e já é uma grande compensação. Se um dia, lá pelas terras confiadas á sua guarda, encontrar o sr. Azais, elle pôde-lhe explicar isso melhor do que eu. Ora, o Senhor lhe dê muito bom dia, adeus, passe muito bem, e olhe se tem cuidado quanto aos pés quentes.

Hactintickoff não sahio satisfeito. Passados poucos dias, encontramos-nos no *campo da honra*, passei-lhe para as unhas a moeda de vinte francos e ficamos sendo os melhores amigos d'este mundo; depois d'isso, sempre que me via no campo, safa-se para a matta.

Tradução de

ERNESTO VIANNA.

VELOCIPEDIA

Amadeu Múaze

PERTENCE a uma familia de *sportsmen* apesar de muito novo conseguiu, familiarisar-se com todos os generos de sport.

A caça, a *velocipedia*, a gymnastica, o *lawn-tennis*, o *foot-ball*, tem n'elle um cultivador distinctissimo.

Amadeu Múaze tinha apenas 8 annos e já tomava parte no concurso gymnastico internacional de Badajoz, ganhando uma medalha d'ouro; sendo ali muito apreciados os trabalhos que executou.



Como velocipedista debutava aos 11 annos em uma corrida infantil em Vizella, entrando mais tarde em diversas corridas no norte de Portugal, principalmente no Porto.

Aos 13 annos era classificado junior, obtendo bastantes premios e conseguindo triumphos sobre alguns corredores já experimentados. E' atirador distincto e caçador exímio sendo o companheiro predilecto de seu extremo pae.

De uma educação finissima, Amadeu Múaze, é o enlevo da familia e dos amigos, no numero dos quaes me conto.

PEDAL CHICO.

Real Club Velocipedista de Portugal

ESTE prospero e florescente Club, acaba de se mudar para a sua nova séde na rua de S. José, n.ºs 171, 171-A, 172 e 172-A, loja e primeiro andar.

Posto que ainda se não realisasse oficialmente a sua inauguração, vamos dar aos nossos leitores uma noticia resumida da disposição das suas salas, reservando-nos para então mais detalhadamente as descrevermos.

Na loja, encontra-se á frente uma espaçosa sala para deposito de velocipedes; segue-se o

buffete, salas de vestir, de bilhar, officina de reparações, casas de arrecadação, etc.

No primeiro andar, sala de esgrima, amplo salão, medindo approximadamente 90^m; sala da direcção, gabinete de leitura, salas de jogos, de musica, casa de banho, etc., etc.

No jardim pertencente ao mesmo Club e n'um espaço, occupando uma area de 177^m2, va-se construir um Chalet para gymnastica, trabalho este que está sendo executado pela casa J. Lino & C.ª, o qual, pela planta que vimos deve ficar d'um lindo effeito.

Podemos pois affiançar aos nossos leitores, sem medo de nos enganarmos, que este Club possui hoje uma das melhores installações no seu genero.

Este resultado deve-se especialmente á sua actual direcção composta na maioria de rapazes novos, que por isso mesmo mais dignos se tornam de elogios por terem mostrado tanta energia e perseverança nos seus trabalhos.

Consta-nos que a inauguração official da nova séde, se realisou nos principios do proximo mez de fevereiro.

No domingo ultimo tinha annunciado a direcção d'este Club, um passeio official a Bucellas, o qual se não poude realizar por causa do tempo e que ficou transferido para o proximo dia 16 do corrente, sujeito ainda ás contingencias do tempo.

Gymnastica e esgrima

Pedro Augusto da Silva

PODEMOS dizer que morreu o nosso primeiro mestre de jogo de pau. Pedro Augusto, como elle era conhecido por todos os seus discipulos e amigos, que contava em grande quantidade, devido ao seu bello caracter e affabilidade de trato, era um valente jogador de pau, mas jogador de sala, por isso que elle nunca magoava o seu adversario, figurava os golpes e animava o seu contendor, com uma phraseologia um tanto pitoresca, por exemplo: cuidado que te vou dar um *charuto*, e o adversario sentia-se tocado na cara, mas não magoado, e assim: olha o *fole das migas*, a barriga; o *beque*, nariz; *mocha*, cabeça, etc.

Discipulo dilecto do grande jogador de pau José Maria Saloio, foi na caza d'elle, no canto junto á igreja dos Caetanos, n'um quintal que allí existe, onde tambem era o popular theatrozinho dos Inglezinhos, que se faziam magnificas sessões de jogo de pau, onde muitas vezes estivemos, gozando este bello trabalho de esgrima puramente nacional; d'alli sahiram bons discipulos, e, Pedro Augusto um bom mestre.

Professor do *Real Gymnasio Club Portuguez*, deixa allí discipulos que o honram; foi tambem professor na *Associação dos Atiradores Civis Estrella*, e de muitas outras sociedades.

Tivemos occasião de o vêr não ha muito tempo e admiravamos sempre a sua ligeireza, a forma como saltava; ninguém diria que era um homem de 64 annos.

Pedro Augusto, era empregado publico reformado, exerceu sempre os seus logares com muita intelligencia e nunca contestada honestidade; falleceu no dia 30 de novembro ultimo com uma pneumonia, apanhada poucos dias antes, depois da lição aos seus discipulos do *Real Gymnasio*.

O *sport* nacional está de lucto, morreu-lhe um dos seus mais dilectos filhos; uma saudade sobre a sua sepultura.

Real Gymnasio Club Portuguez

Estamos em divida para com esta distincta e benemerita collectividade, por isso que no nosso ultimo numero, nem nos referimos a duas das

suas sympathicas festas, a do Colyseu dos Recrios e o sarau de 31 de dezembro findo; nem agradeceremos os amáveis convites que a digna direcção nos enviou, o que fazemos aqui muito penhorados.

As festas do Real Gymnasio, são por demais conhecidas e apreciadas do nosso publico; a confirmação do que dizemos é o termos visto na festa do Colyseu, este, com uma verdadeira enchente, como não é vulgar n'aquella casa de espectaculos, que, leva uns poucos de milhares de pessoas.

O grupo de socios, artistas na verdadeira accepção da palavra, são apreciados como merecem por todos os que teem tido occasião de vêr os seus trabalhos; e nós, que já temos diligentemente obter os seus retratos para os enfileirarmos na galeria da nossa revista, em logar bem distincto como merecem, não perdemos a esperanca de os obter, como de resto á muito desejamos.

O Real Gymnasio Club Portuguez, pelos beneficios que tem prestado, á educação physica, bem merece da Patria e de todos os que se interessam pelo seu rejuvenescimento; assim como as suas direcções representadas pela actual, são dignas dos maiores elogios pela forma distincta e alevantada como o teem sabido dirigir.

Gymnasio Club Figueirense

COM duas magnificas festas solemnizou este Gymnasio o 3.º anniversario da sua fundação.

No dia 1 de janeiro teve logar a sessão solenne sendo a meza composta pelos socios srs. dr. Joaquim Jardim, Jorge Laidlay e Antonio Pereira Correia, tendo-o primeiro como presidente e os ultimos como secretarios. O sr. presidente n'um bello discurso que foicalorosamente applaudido, expoz o fim d'aquella reunião. Depois de tomarem a palavra diversos cavalheiros, procedeu-se á distribuição d'um bodo aos pobres, sendo as esmolas entregues aos necessitados por gentilissimas damas, que amavelmente accederam ao convite da direcção para desempenharem tão sympathica missão.

Tocou durante a distribuição do bodo a Philharmonica 10 de Agosto, que generosamente se prestou a contribuir para esta festa de caridade.

No dia 2 realisou-se um sarau gymnastico, cujo programma constava de exercicios em trapezios simples, duplo, triplo, argolas, barra fixa, corda indiana, paralellas e assalto ao sabre, tomando parte n'estes trabalhos o professor do Gymnasio, sr. José das Neves Elyseu e os socios Pompeu Seabra, M. Fernandes Thomaz, Augusto Coelho, Pedro Collet Meygret, Fernão Fernandes Thomaz, Antonio Amorim Pessoa, Victor Franco, Luiz Pereira, Albano Custodio Junior, Carlos Martins Soares e Antonio Ferreira Pinto.

Foram todos immensamente applaudidos pelo bom desempenho de todos os trabalhos.

O que porém mais enthusiasmo causou foi sem duvida a classe infantil sob a direcção do sr. José Elyseu. Esta classe constava de exercicios militares e livres, paralellas e grupos de escadas, produzindo este ultimo trabalho um effeito deslumbrante pela rapidez e precisão com que foi executado. A *pelizata* colheu fartos applausos e não menos o sr. Elyseu, não só pelos exercicios da classe infantil, como pelos executados nos demais appparelhos, onde todos os gymnastas mostraram as suas aptidões e aproveitamento do ensino ministrado.

Este Gymnasio acha-se, como se sabe, installado no Theatro Principe D. Carlos. A esplendida sala de gymnastica compõe-se do palco e plateia do theatro, ligados e nivelados por um estrado, e, quasi poderiamos dizer, sem receio de errar que nenhum outro gymnasio do paiz possui tão vasta sala, que tão bem se adequa ao fim a que é destinada.

Ornamentada com magnificas colchas de damasco, verdura, flores, appparelhos de gymnastica e grande profusão de luzes, apresentava um aspecto quasi phantastico, para o que muito contribuíram as gentilissimas damas que ornavam a sala e camarotes, ostentando magnificas *toilettes*, fazendo realçar ainda mais o effeito da bella ornamentação. O sarau correu sempre muito animado, tocando durante elle n'um elegante coreto armado ao fundo do salão, uma orchestra sob a direcção do maestro Couto; terminou pela meia noite, retiraram-se todos immensamente satisfeitos e recordando com saudades as horas passadas em tão esplendida festa.

A direcção do Gymnasio, tenciona realizar n'um dos dias de Carnaval um sarau carnavalesco, apresentando-se varias surpresas. Oxalá se realice, contribuindo todos os socios para que tal projecto se torne realidade e que essa festa tenha o brilho e bom resultado que costumam ter todas as diversões promovidas pelo Gymnasio.

NAUTICA

Grande regata internacional

LISBOA 1898

SEGUNDO as informações que temos, parece estar garantido um grande éxito á regata, que faz parte da celebração do centenário da descoberta da Índia.

Não ha duvida que está assegurada a comparencia no nosso formozo Tejo, não só da representação das esquadras, ingleza, franceza, allemã, americana, italiana, etc., como de muitos barcos e yachts de recreio, que principalmente são attrahidos pelo magnifico premio, a taça *Vasco da Gama*.

Esta festa, n'um paiz essencialmente marítimo como o nosso, e, com as nossas tradições de navegadores, commemorando o facto mais notavel das antigas e arrojadadas descobertas, que abriu o caminho da Índia, não pôde deixar de ser notavel, e com certeza uma das que tem mais caracter nacional, e que melhor pode concorrer e collaborar no renascimento e desenvolvimento do nosso paiz, tão alheia do sempre ás conquistas modernas da sciencia, do trabalho, da industria e da navegação, aponto de quasi não termos marinha mercante.

Fazemos votos pela grandeza e esplendor d'esta parte da celebração do centenário, como uma das que mais de perto nos interessa.

PHILATELIA

CONTINUA em foco a emissão postal commemorativa do centenário da Índia, que proxivamente vae circular no continente portuguez, ilhas adjacentes e provincias ultramarinas, e cuja validade será de tres mezes—abril, maio e junho do anno corrente.

Esses sellos dividem-se em sete séries: Continente, Açores, Madeira, Africa, India, Macau e Timor.

As quatro primeiras teem sellos das taxas de 2 1/2, 5, 10, 25, 50, 75, 100 e 150 réis:

A da India de 1 1/2, 4 1/2, 6 e 9 réis, 1, 2, 4 e 8 tangas.

As de Macau e Timor, de 1/2, 1, 2, 4, 8, 12, 16 e 24 avos.

A série que tem a legenda de *Africa* será válida em todas as nossas provincias ultramarinas.

Cada série é composta de oito tipos; mas cada um d'elles é igual ao da taxa correspondente das outras séries, differindo apenas na legenda e na designação da especie monetaria, isto é, réis para o continente, ilhas e Africa, e parte das taxas da India, tangas nas restantes da India e avos em Macau e Timor.

Haverá tambem, com o mesmo praso de validade, sellos de multa; mas, sinto dizel-o, a fórma porque são emitidos representa a demonstração official da ignorancia lastimavel, a que já alludi aqui, existente nas estações competentes sobre o valor, significação e conveniencia d'essas formulas succedaneas, permitta-se-me o termo, das de franquia postal.

Esses sellos são apenas mandados appòr na correspondencia insufficientemente, ou não franqueada, que apparecer nas estações postaes de Lisboa e Porto.

Os leitores que descubram, se são capa-

zes, as transcendentales razões que levaram os funcionarios postaes de cathogoria superior a fazerem esta restricção!...

As taxas dos sellos de multa são de 5, 10, 20, 50, 100 e 200 réis e o seu tipo, representa o desenho escolhido no concurso em tempos aberto pela commissão executiva do centenário, desenho apresentado pelo distincto gravador da Casa da Moeda sr. José Sergio de Carvalho e Silva, que já o gravou em aço, para impressão typographica, a qual será feita no referido estabelecimento do Estado.

Esse desenho representa a audiencia do Samorin a Vasco da Gama e a sua reprodução em aço é perfectissima, apesar da grande difficuldade de tal trabalho.

Teremos, pois, na emissão postal do centenário da Índia um *specimen* do trabalho de artistas portuguezes, quer na gravura, quer na impressão da formula, estando eu certo que, assim como succedeu com o sello de 2 1/2 réis da emissão antonina, esse trabalho dará honra ao nosso paiz.

Finalmente, consta-me estar quasi concluida a impressão, tambem na Casa da Moeda, dos bilhetes postaes que completam as séries commemorativas do centenário.

J. FRAGA PERY DE LINDE

TAUROMACHIA

D. José Sanchez de Neira

ESTÁ de lucto a tauromachia hespanhola, pelo fallecimento d'um dos seus mais entusiastas e antigos adeptos.

Era elle D. José Sanchez de Neira, o melhor, o mais entendido de quantos escriptores taurinos existem em Hespanha. Os seus artigos no jornal taurino de Madrid, *La Lidia*, as suas bem elaboradas e justiceiras criticas no jornal da mesma cidade, *Sol y Sombra*, e ainda o seu ultimo e esplendido trabalho, *Gran Diccionario Taurino*, contribuíram muito para que o nome de tão eminente escriptor fosse, tanto quanto possivel, conhecido em Lisboa.

Não foi portanto sem magua que os *aficionados* portuguezes souberam primeiro pelo *Imparcial*, de Madrid e depois

pelo *Seculo*, do passamento de tão illustre homem. N'esta magua é sentimento tomamos a maior parte, porque sempre sustentámos com o fallecido as melhores e mais cordeas relações de amizade.

Ainda ultimamente o venerando critico, como que adivinhando a morte que em breve o roubaria ao carinho dos seus, nos dizia em carta particular, que, preciosamente conservamos:

..... *Adelante, que los viejos aficionados, vamos escaseando, y es preciso que juvenes como vd., no abandonen la historia y defensa del toreo a que siempre rendi culto.*

Ao filho do nosso desventurado amigo, o sr. D. Gonçalo Sanchez de Neira, enviamos a expressão do nosso profundo pesar pelo cruel desgosto que o afflige.

E. D'A.

Ezequiel de Carvalho

É este homem muito entendido na conducção de gado, e muito antigo n'estas fainas, o que o tem tornado muito conhecido entre os *aficionados*.

Na *cabeça do gado*, só, ou seguido do seu creado de confiança, é vel-o fazer prodigios com o varapau, já moderando a marcha dos touros, já fazendo-os seguir de roldão até á praça, onde entram como que atrahidos pelo cavallo branco do velho Ezequiel.

E já que fallamos n'elle, é bom tambem não esquecer um outro conductor não menos *maestro* no officio, que se intitula o *Mau Ladrão*.

Manuel Antonio (Fressura)

ESTE moço de forçado, um dos mais valentes que conhecemos, nasceu ha 28 annos na freguezia dos anjos, d'esta cidade, e é filho de Maria do Resgate e de José dos Santos.

Ignoramos como, e onde começou fazendo a sua aprendizagem para o desempenho do rude mister a que se dedica, mas, é de crer que a sua permanencia no matadouro municipal e contacto com gente ali empregada, o arrastassem a figurar entre os pegadores de touros de mais nomeada.

O seu logar entre os forçados de profis são é já distincto, tornando-se *Fressura* muito especialmente notado nas tão vistosas quanto arriscadas pegas de costas, que executa d'uma forma tão brilhante que lhe teem rendido estrondosas ovações e o bom nome que tem.

Foi ao tentar fazer uma d'estas pegas, que um touro do Sr. Comendador Carlos Augusto Marques, corrido em 10.º logar na tourada realisada no Campo Pequeno a 21 de novembro findo, o derrubou quando pela terceira vez se lhe acercava, e o mandou para a enfermaria da praça em estado comatoso.

Recolhendo Manoel *Fressura* ao hospital, reconheceram ter uma fortissima commoção cerebral.

Terminando, dirêmos que, se este lidador cultiva uma especie de toureio que todos os *aficionados* que se presam condemnam e reprovam, não podemos contudo deixar de reconhecer que é, no genero, um artista exímio.

Tem-no mostrado por mais de uma vez, e dado provas de valentia.



Ezequiel de Carvalho

Habil conductor de touros. De um instantaneo de Fernando Viegas

Notas d'um aficionado

NA CIDADE DE MADRID

A. Santo Isidoro del Campo — A calle de Sevilla antes da corrida — Na praça de touros — Mazzantini — O desfilhar.

(Conclusão do n.º 129)

CONFUNDIDO com os milhares de almas que ali estavam, fui entrando no interior da praça chegando até ao *redondel* que estava apinhado de espectadores, e onde tocava a excelente banda dos Hospícios.

A um toque de clarim despejou-se a arena, e então, desde a minha contrabarrreira apreciei a grandiosa praça de Madrid, com uma enchente á cunha.

Apoz as cortezias ou passeio, começou a lide, da qual não farei uma descripção que seria pouco interessante não dispondo eu dos recursos de um *Zé-Faleco* ou de um *Santonillo*, mas direi que, segundo um entusiasta *aficionado* sentado n'um lugar junto do meu, «na praça de Madrid é onde se matam os touros com todas as regras da arte.» Ao que não posso resistir é em fallar-lhes do D. Luiz Mazzantini, o homem mais popular de Hespanha conforme me repetiu o meu citado visinho.

Foi para mim um momento de extraordinaria satisfação quando o vi lançar mão dos *trastos*, e dirigir-se á presidencia para lhe dirigir o brinde que provavelmente seria:

*Brindo por España
y por los forasteros,
por las mujeres bonitas
y por todos los toreros.*

Depois, ao terminar o seu laconico discurso, com que graça e elegancia deitou á *montera* para traz, pronunciando a meia voz a phrase *vamos allá!*

Eil-o diante da fera, fazendo delirar o publico com uma serie de passes magistraes.

A fera está raivosa e no semblante do famoso matador guipuscoano, apparece um sorriso sem que o seu olhar intelligente e expressivo, abandone os menores movimentos do touro. Logo... o animal que ha pouco vimos estirpar, barbaramente 3 ou 4 cavallos, e pôr fóra de combate um ou mais picadores, ali este frente a frente com D. Luiz, dominado e vencido pelo inimitavel artista.

D'entre as dobras da *muleta* apparece a reluzente espada de Toledo, e, aproveitando o momento opportuno o *maestro* dá um *volapié* immenso, incommensuravel.

O touro ferido de morte inutilmente pretende elevar-se, mas, faltando-lhe o chão, ajoelha-se lançando um rugido que é contestado pelo publico com a maior ovação que tenha presenciado em espectaculos publicos. Mazzantini dá a volta ao *redondel*, entre delirantes applausos que se prolongam até á sahida do touro seguinte, e é sem favor proclamado o primeiro espada do mundo.

O debandar das 13:000 almas, que haviam presenciado a corrida, resultou grandioso. Estive presenciando-o com outras pessoas na *Puerta de Alcalá*, e, posso assegurar que durou hora e meia a passagem de todos os trens e carros de carreira que conduziam os espectadores.

O desfilhar da gente que assiste ás corridas de touros em Madrid, é um espectáculo talvez unico, e que difficilmente se desvanecerá da minha memoria.

Hespanha taurina

SEGUNDO noticias de Cuenca houve n'aquelle ponto, no dia 17 do mez de novembro findo uma corrida de 2 novillos-touros da *fandateria* de Priego, que cumpriram.

O espada Sebastian Silvan (*Chispa*), matou muito bem o seu primeiro touro, e superiormente o segundo que brindou ao *aficionado* D. Angel Raza, o qual correspondeu á gentileza do valente novillero com a dadia d'uma nota do Banco de Hespanha.

Sebastian durante a tarde poz um par de bandarilhas dando o *quiebro* sentado n'uma cadeira, e outro a pé firme, produzindo grande entusiasmo.

Os bandarilheiros *Zurinis* e *Mazzantinito* trabalharam muito acertadamente compartilhando dos applausos concedidos ao seu chefe.

Chispa toureou em Cartagena, nos dias 5 e 12 de dezembro findo.

No mesmo dia 17 de novembro partio de Santander para o Mexico, a bordo do vapor *Reina Maria Christina*, os espadas Luiz Mazzantini e Nicanor Villa (*Villita*), com as suas respectivas quadrilhas.



Manuel Antonio (Fressura)

Cabo de forcados na praça do Campo Pequeno



—Dois dias antes seguiram com o mesmo destino, a bordo do vapor *Miguel Pinillos*, a quadrilha de *niñas toreras*, os *diestros Mellaito* e *Negrilo*, D. Marianno Armengol, director das *niñas*, e o novillero *Salerito*.

No mesmo vapor D. Marianno Armengol carregou 12 bezeros navarros de Gastón, e 6 touros de Ripamilan, para serem mortos á *espada* respectivamente, pelas *señoritas* e por *El Mellaito*.

Na novilhada havida em 5 na praça de Madrid o espada *Pulguita*, ao matar o primeiro touro, soffreu um ferimento na mão esquerda que o impediu de continuar a lide.

Nesta corrida actuando de bandarilheiro, apresentou-se o novillero Justo Sanchez *Zurinis*, que fez brilhante figura bandarilhando os touros corridos em 2.º em 3.º logar.

Tambem na *brega* o proficiente toureiro se tornou notado, ajudando a bem morrer todas as rezes que se lidaram.

—Em 12 deveria ter taureado em Bucareli *Mexico*, o afamado matador sr. Luiz Mazzantini.



DIVERSAS

Eduardo Antonio da Costa

Recebemos e muito agradecemos, d'este nosso amigo, assignante e conhecido industrial, um magnifico calendario, representando a chegada de Vasco da Gama á India.

O trabalho é de primeira ordem e muito honra a industria nacional; é das officinas da Companhia Nacional Editora.

O nosso amigo teve um delicado gosto na escolha do seu calendario, pelo que o felicitamos.

Eduardo Costa, reúne a ser um industrial muito illustrado, o ser um verdadeiro patriota.

Reclame curioso

NA exposição de velocipedia que ha pouco se realisou em Londres, a *Stanley Show*, a melhor exposição que nos ultimos vinte annos, se tem realisado n'aquella cidade, estiveram representados 350 expositores e 2400 machinas velocipedicas e automobiles.

Os fabricantes buscaram por todos os modos, atrahir e interessar o publico.

Um expositor teve uma ideia original; fechou em tres pequenos cofres algumas notas do Banco de Inglaterra, e presenteou os visitantes com 2000 pequenas chaves, estando entre ellas as unicas tres que abriam os encantados cofres.

Calcule-se na vespera de se encerrar a exposição, dia marcado para a abertura dos cofres, o espetaculo, original, dos 2000 possuidores de chaves, fazendo uma enorme cauda para irem um por um, por cada vez, ver quem eram os felizes que abriam os cofres!

E' claro que o conteúdo, as bellas e magicas notas (do Banco pertenceram aos escolhidos da sorte a quem tinha cabido uma das tres chaves. Verdadeiramente original!



As nossas gravuras

Visconde d'Oguella

Em artigo especial, firmado pelo distincto escriptor e nosso amigo sr. Fernandes Costa, tratamos do nosso chorado amigo, que honrou esta publicação com a sua collaboração.

A cada um, sua vez.

Copia de uma interessante gravura.

Antonio Borges Barreto da Gama e Castro

O nosso estimado assignante o sr. J. J. Gonçalves Pereira, na secção *Caça* pôe em relevo as qualidades d'este cavalheiro e distincto caçador.

Pedro Augusto da Silva

Na secção, *Gymnastica e esgrima*, nos referimos a este eximio jogador de pau.

Amadeu Múaze

Na secção *velocipedia* se faz referencia a este joven e distincto *sportsman*.

Ezequiel de Carvalho

Na secção *taurmachica* nos referimos a esta gravura.

Manuel Antonio (Fressura)

Na mesma secção, tratamos d'este valente cabo de forcados.

SELLOS

NA tabacaria Marques, rua do Ouro, 152; vendem-se 2 sellos de 5 réis, 1.ª emissão de D. Pedro V, cabelo liso, novos; authenticos.

Cotação franceza; 100 francos cada um.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica